A IMPORTÂNCIA DA MEDIAÇÃO DO NA EDUCAÇÃO INFANTIL DURANTE O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

ARIVANILDA BRITO DOS SANTOS

RESUMO

A temática A importância da mediação do processo de aprendizagem objetivamente, procura solicitar a profundeza da relação professor-aluno, lançando a reflexão sobre a importância e o papel do professor e do seu relacionamento com os educandos. Especificamente, podem-se observar dois aspectos da interação professor-aluno e que certa atitude em sala de aula está diretamente ligada ao estilo de prática docente, isto é, à postura profissional, moral e técnica do professor, sintetiza o professor competente ou ideal, se dá a caracterização do que vem a ser um bom professor envolvendo um julgamento de valor de caráter subjetivo. A finalidade deste é identificar os fatores que dificultam a relação professor-aluno, entender como uma boa relação entre estes contribui para o processo do ensino-aprendizagem e, ao final, sugerir alternativas que possam colaborar para o avanço do relacionamento aqui trabalhado, numa perspectiva de aprendizagem significativa e satisfatória. A escolha da temática do atual trabalho aborda sobre a relação existente entre o professor e o aluno e sua influência no processo de ensino e aprendizagem. Objetivamente, procura-se solicitar a profundeza da relação professor-aluno lançando a reflexão sobre a importância e o papel do professor e do seu relacionamento com o educando. Podem-se observar dois aspectos da interação professor-aluno e que certa atitude em sala de aula está diretamente ligada ao estilo de prática docente; isto é, à postura profissional, moral e técnica do professor, Sintetiza o professor competente ou ideal, nesse capítulo, se dá a caracterização do que vem a ser um bom professor envolvendo um julgamento de valor de caráter subjetivo.

Palavras-chave: Professor; Educação Infantil; Processo ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O ser humano desde muito jovens vive em sociedade, faz parte e formam grupos com pessoas das mais diversificadas crenças, origens e personalidades. Graças a esse convívio no decorrer de nossas vidas, vivemos situações que nos constrangem ou enaltecem, sofremos desilusões, aprendemos com nossos erros e acertos e, através de comparações, conseguimos construir a nossa personalidade e interagir com o universo. Nesse referencial, nossos melhores amigos, aqueles que com suas críticas e conselhos, muitas vezes, melhoram certos aspectos e comportamentos negativos que apresentamos, conseguem nos sensibilizar, pois conquistaram nossa confiança, nosso respeito, são exemplos de companheirismo e demonstram um sincero interesse pelo nosso bem-estar.

Segundo Minucci (2001, p.197) “A palavra interação, significa ação entre isto é, as pessoas agem entre si, refere-se às modificações de comportamento que se dão e os indivíduos influem uns sobre os outros mediante o emprego da linguagem, dos símbolos, de gestos, da postura.

Quando o professor coloca a mão na cintura e olha firmemente um aluno, a interação não verbal significa repreensão" Se as relações humanas, embora complexas, são peças fundamentais na realização de mudanças em nível profissional e comportamental, como podemos ignorar a importância de tal interação entre professores e aluno diante dos problemas encontrados, como fator de interferência positiva ou negativa no processo de ensino-aprendizagem, tornando base para a construção do conhecimento.

Portanto, é importante discutirmos alguns pontos que dizem respeito ao modo como o professor cria um ambiente propício ao desenvolvimento cognitivo e afetivo de seus alunos. Identificar os fatores que dificultam a interação entre professor e aluno e entender como a afetividade, o diálogo, a postura, a linguagem, a autoridade profissional, moral e técnica são pontos imprescindíveis para o controle da disciplina.

Partindo do pressuposto que o educador é o referencial para o educando, exer-

cendo um papel fundamental na vida dele, vale à pena ressaltar a importância da afetividade, da confiança, e do respeito no ambiente escolar. Entretanto, diante do total descaso pelo ato de lecionar e aprender falta do respeito mútuo entre os membros da interação professor-aluno; a indisciplina em sala de aula é uma constante; a dificuldade que os estudantes encontram em usar a linguagem escrita como elemento de reforço ou registro da fala, é uma triste realidade; e atos de violência escolar já fazem parte do nosso dia-a-dia, como uma revisão crítica de desempenho e atitude social; aliada à metodologia adotada pelo docente; se não o maior, um dos principais fatores que rege a motivação pelo aprender por parte do discente em formação.

A finalidade deste é identificar os fatores que dificultam a relação professor-aluno, entender como uma boa relação entre estes contribui para o processo do ensino-aprendizagem e, ao final, sugerir alternativas que possam colaborar para o avanço do relacionamento aqui trabalhado, numa perspectiva de aprendizagem significativa e satisfatória.

A SALA DE AULA – UM ESPAÇO DE RELAÇÕES

A escola é um ambiente dialético que comporta uma variedade de pessoas, ideias, gênero, raça, religião e relações sociais que se misturam e fazem dela um lugar rico de conhecimentos e aprendizagens. Conviver com tantas diferenças torna-se um desafio para o educando e o educador. Desafio esse necessário, afinal, vivemos em uma sociedade heterogenia e democrática, e enriquecedor no que diz respeito à formação integral do cidadão.

A sala de aula por sua vez, não poderia ficar indiferente a essa situação, pois é nela que acontece a dinâmica das relações sociais, da aprendizagem e formação do cidadão. Esse movimento não se dá apenas de fora para dentro, mas também de dentro para fora, ou seja, a subjetividade é um elemento importante na forma como o sujeito apreende as relações, os conhecimentos e demonstra isso através de atitudes. Sendo assim, não pode ser negligenciado pelo educador, que deve considerar o indivíduo como um todo: razão e emoção.

A escola e principalmente a sala de aula, durante muito tempo, já foi espaço de autoritarismo, onde apenas o professor e diretor eram os portadores dos conhecimentos e verdades, restando para o aluno ser apenas considerado como uma tábula rasa, um papel em branco, destituído de conhecimentos e sentimentos.

Sentimentos? Essa era uma palavra inexistente no vocabulário da educação. A objetividade (razão) sim era a palavra de ordem. A concepção de educação estava ligada a ideia de sociedade, que era conteudista, isto implicava em enfatizar um ensino e aprendizagem de conteúdos a partir de uma metodologia centrada na eficiência, na fragmentação, onde a sala de aula era um espaço de transmissão de informações. Percebemos aqui a influência do cartesianismo defendida por René Descartes, valorizando um saber ligado, exclusivamente, à razão sem considerar qualquer outro aspecto.

Atrelado a esse pensamento fragmentado, podemos perceber que a ideia de infância era única, um adulto em miniatura, ou seja, preparar aquele ser pequeno para tornar-se um adulto de acordo com as demandas da sociedade sem levar em conta suas necessidades e peculiaridades, próprias da idade ou da fase da vida, assim, a noção de infância foi se impondo ao longo da história numa concepção hegemônica, de forma que a sociedade passou a perceber todas a crianças como iguais: um adulto em formação. Essa visão era simplista e nos levou a uma educação reprodutora de conhecimentos, identidade e cultura, com um olhar inocente e ingênuo da criança e seus estágios biológicos, onde esses seres são padronizados, hierarquizados e consequentemente, limitados.

Ao longo do tempo, várias correntes pedagógicas surgiram e buscaram modificar essa visão de sujeito, infância e escola, vamos perceber um deslocamento das atenções, o centro da educação deixa de ser o professor e passa a ser o aluno e seu conhecimento. Uma preocupação maior com o aluno, a criança e como ele aprende começa a surgir: O que considerar? O que interfere na aprendizagem do aluno? O ambiente influencia ou ele já nasce sabendo tudo? O aluno é apenas razão, ou também emoção? A

concepção de criança foi ampliada, ganhou espaço e legalmente é amparada, por isso a Educação infantil passou a ser valorizada pelos governantes e isso refletirá nos anos seguintes nos demais segmentos.

Não vamos aqui discutir as correntes pedagógicas, afinal essa não é a proposta do nosso trabalho, mas lembrar do quanto foram importantes no desenvolvimento das concepções de aluno e conhecimento ao longo da história da educação e que graças às divergências entre elas, podemos enriquecer as nossas práticas educativas e rever os nossos conceitos.

A sala de aula passa a ser um recinto de vivência e convivência mais democrático, onde a interação entre os sujeitos, e sujeitos e conhecimento passam a ser mais considerados. Junto com essa abertura também vieram os conflitos e a preocupação com a autoestima do indivíduo. Os alunos passaram a ter voz ativa nas relações da sala de aula, bem como, tornaram-se mais extrospectivos nas relações com os agentes envolvidos nesse processo.

Preocupar-se com esses elementos, é uma das nossas propostas de trabalho: Será que dá para realizar um trabalho em sala de aula apenas preocupado em transmitir conhecimentos sem compreender como ele chega para os alunos? De que forma a afetividade envolvida nas relações da sala de aula se dão? Afinal, estamos lhe dando com seres humanos, que por sua vez são constituídos de razão (cognitivo) e afetividade (sentimentos), uma visão de homem integral.

Para Valdez (2002 apud, PANIZZI, p. 49)

A sala de aula é um espaço impregnado de significado, é espaço de formação humana, onde a experiência pedagógica – o ensinar e o aprender- é desenvolvida no vínculo: tem uma dimensão histórica, intersubjetiva e intrassubjetiva.

Partindo dessa afirmação, precisamos ter uma visão de educação que respeite os sujeitos envolvidos e que estes estejam dispostos a participar da construção do conhecimento e refletir sobre ela.

Infelizmente o que ainda vemos por ai, são escolas e educadores que continuam priorizando o conhecimento, enquanto conteúdos, apenas de forma racional em detrimento das relações afetivas como se elas não existissem. Na verdade, o que encontramos nas salas de aula são pessoas iludidas com o cargo que ocupam (professor), fazendo uso do seu status e acreditando que o distanciamento, a rigidez e frieza farão jus ao título de educador e que não se envolvendo na relação professor-aluno, farão um trabalho de qualidade. Mero engano, somos nós educadores que conduzimos essa situação, por tanto, cabendo a nós estarmos bem preparados e abertos ao novo e principalmente a lidar com crianças, compreendendo seus desejos, singularidades, respeitando seu ritmo e suas diferenças.

As interações sociais da sala de aula entre aluno-aluno, aluno-professor e professor-aluno são imprescindíveis para o desenvolvimento integral do indivíduo e interfere na relação com a construção do conhecimento (aprendizagem). Hoje convivemos em um ambiente onde as diferenças existem e devem ser respeitadas desde cedo, por isso precisamos trabalhar o respeito, a tolerância e solidariedade entre os sujeitos das relações, sem excluir o professor, pois ele é modelo, e sendo assim, deve ser o primeiro as respeitar esses valores.

Em um dos horários de estudo em uma determinada escola, houve o seguinte relato feito por uma das professoras sobre uma ocorrência em sua sala de aula de 3º Ano (antiga 4ª Série). Após ter explicado e exemplificado um conteúdo novo de matemática, um aluno, tentando resolver uma situação problema proposta por ela, levantou-se de sua cadeira e, indo até a sua mesa mostrou-lhe o resultado obtido perguntando se estava certo e ela respondeu com apenas uma palavra: não. O aluno foi se sentar, apagou a resposta, tentou, tentou, até que refez a resposta, indo novamente até a mesa para mostrar-lhe as operações feitas e os resultados obtidos, perguntando-lhe se estava correto e, outra vez ouviu a resposta: não. Esse aluno foi sentar-se, apagou as operações que havia feito e começou a chorar.

Essa professora contou que começou a sentir-se mal, logo em seguida, ao obser-

var a reação do aluno mediante seu comportamento. Percebeu que não teve a postura correta em relação às tentativas do aluno em resolver o exercício proposto e, quanto mais refletia, mais se arrependia do modo como conduziu aquela situação. Alegou muita preocupação com problemas pessoais na tentativa de justificar o tratamento dado ao seu aluno na ocasião e, se dizia arrependida. Conforme as ações do professor, sua forma de organização pedagógica, seus métodos de intervenção, ele pode ou não ajudar seu aluno a construir seu saber, pode ou não ativar e guiar o processo de aprendizagem. Quando o aluno fez a primeira tentativa de resolver o problema proposto e levou o resultado incorreto para que a professora verificasse, esta ao constatar o desvio de raciocínio, poderia ter refeito, junto com seu aluno, o caminho percorrido por ele, poderia ter analisando a situação problema e promovido à reflexão do aprendiz sobre o seu feito para que este pudesse encontrar onde estava seu "erro", podendo novamente voltar a sentar-se em sua carteira com novo olhar sobre o mesmo problema com a possibilidade de conseguir solucioná-lo, sem passar pela humilhação de ter ouvido, várias vezes, apenas "não" como resposta, sem probabilidade de solução. É preciso que o professor tenha sensibilidade e consciência de seu papel como orientador. Segundo Paulo Freire a relação professor - aluno constitui-se em um esquema horizontal de respeito e de intercomunicação, ressaltando o diálogo com componente relevante a uma aprendizagem significativa. Com base nesse educador consideramos que determinadas posturas, como por exemplo, a postura autocêntrica, mesmo que involuntária, impede que o professor tenha um olhar mais voltado para a as necessidades do educando, que muitas vezes não tem as base que o educador espera que ele tenha para solucionar as atividades propostas e, o professor atento às necessidades de seus alunos, ao observar que a falta dessa bases poderá propor atividades que desenvolvam as capacidades necessárias aos alunos para que consigam solucionar os problemas propostos.

Aqui queremos destacar a importância da relação professor-aluno, não com uma proposta de receitas, mas de reflexão da nossa prática. Será que temos consciência do poder que essa relação exerce na vida do aluno? Ou não queremos nos dar conta disso por ser mais uma obrigação? O aluno chega à escola ávido de conhecimento e afeto, pois qualquer relação está ligada a sentimentos. O professor por sua vez, chega à sala de aula, ávido por uma turma tranquila, disciplinada e sem dificuldades de aprendizagem (utopia). Cada um dos sujeitos com suas expectativas. Não devemos esquecer quem é o adulto, profissional, e a criança, aluno. Assim o educando deposita suas expectativas no professor, na relação que terá com ele, no aprendizado que ele lhe proporcionará, pois não tem consciência que ele também é produtor de conhecimento, sem deixar de ser criança, por isso, sem deixar de correr, de conversar durante as aulas, de perguntar, de emitir opiniões, de ficar inquieto, etc. O professor, por sua vez, profissional, experiente, adulto, quando frustrado nas suas expectativas, esquece o que é ser criança e se apega a ideia simplista de infância, começando a demonstrar sua frustração na relação professor-aluno. Não queremos generalizar, mas uma grande maioria se comporta assim. Para NUNES (2009, p.17):

O papel do educador de hoje vai muito além das obrigações pedagógicas em si. O educador dos novos tempos exerce uma influência muito mais ampla na formação das crianças e jovens: ele é agente de transformação, é maestro de ações construtivas... e incentiva sempre o movimento de construção do saber e da cidadania.

Toda relação, como já dissemos, é permeada de sentimentos, e a relação professor-aluno não ficaria de fora desta regra. Por isso, precisamos nos esforçar para que essa relação aconteça com empatia e seja alimentada no dia a dia, só assim conseguiremos desenvolver um aprendizado significativo junto aos alunos, segundo Andersen (2011, p.30), Em relação ao aluno, o educador deve, em primeiro lugar, conquistá-lo! Desde o primeiro dia de aula, seu principal objetivo deve ser a conquista! Não queremos dizer que para um trabalho significativo

teremos apenas a empatia como aliado, pois todo professor precisa ter competência e habilidades, mas que a conquista é um fator que não deve ser desconsiderado e que devemos ter cuidado para que não tenhamos alunos esquecidos, desprezados ou rotulados. Isso não implica dizer que devemos ter uma relação permissiva com os alunos, mas aberta, pois, toda troca necessita de limites para funcionar. Essa confiança que o aluno deposita na relação com o professor desenvolve a segurança para perguntar, para levantar, para opinar e para se expressar de várias formas, o que influência no desenvolvimento da aprendizagem.

Também sabemos que nem todos os alunos terão a mesma expectativa para essa relação, ou seja, alguns não farão questão da amizade, da atenção, do olhar de incentivo, etc. Mas com certeza isso será no início, pois todos, indistintamente, querem aprender e sabem que precisam se sentir bem e seguros com o outro que é o professor, do contrário, mesmo sem querer, será produzido uma barreira entre eles e o aprendizado, pois começarão as resistências, os desânimos e algumas dificuldades de compreensão do conhecimento.

Defendemos aqui uma relação professor-aluno aberta, dialógica, onde ambas as partes possam interagir, com respeito e confiança. Não pensamos em uma relação de submissão do aluno para com o professor, pois esse tipo de convivência é pernicioso para a autonomia e produção do conhecimento, pois o aluno que obedece por medo, não reflete a relação, o compromisso, não compreende o respeito e não vivencia as normas, segundo DeVries (1998, apud Piaget), "Piaget alertou que a coerção socializa apenas superficialmente o comportamento e, na verdade, reforça a tendência da criança para depender do controle de outros." Assim, o diálogo é importante, o verbo ouvir é fundamental para uma boa convivência. Podemos controlar externamente os alunos, mas jamais os sentimentos e crenças, por isso, o ouvir é imprescindível, conhecer o outro, suas necessidades, construir conjuntamente a moralidade, o conhecimento, a inteligência e a personalidade ajuda mais na relação do que usar apenas de autoritarismo, para Antunes (2010, p.25), Ensinar não é fácil e educar mais difícil ainda; mas não ensina e não educa quem não define limites, quem não constrói democraticamente as linhas do que é e do que não é permitido. Por isso, precisamos pensar em uma relação de convivência conjunta e não apenas imposta, onde todas tenham voz e respeito.

Uma boa relação entre professor e aluno e vice-versa, alavanca a motivação intrínseca de ambos, já que toda relação tem outro significativo e esse por sua vez pode ser motivador para o querer aprender, participar e se expressar, principalmente no caso do aluno. Se o professor cria uma imagem negativa do aluno, este, passa, muitas vezes, a ignorá-lo nas suas necessidades dando sempre prioridade àqueles que lhes são mais favoráveis em sala de aula. O aluno, por sua vez, percebe que é evitado, estigmatizado no grupo, com frases: "Lá vem você com essas bobagens". Silêncio menino, seu colega quer falar primeiro..." Uma vez criada a barreira, principalmente emocional, torna-se mais difícil a aproximação de ambos, pois o aluno também vai se distanciar desse professor.

Sabemos que não é fácil conviver, principalmente quando não estamos preparados, mas o atualizar-se, estudar, buscar ajuda na escola, conversar com os colegas de profissão, podem auxiliar o professor que não consegue enxergar a sua situação, um olhar "de fora", é um olhar mais objetivo, pois a afetividade não é só do aluno, mas também do professor. Porém, quem deve comandar a situação é o educador, por isso precisa refletir sobre sua prática, já que, as dificuldades, ou não, no relacionamento com os alunos dependem não só das questões emocionais, mas também, de domínio do conhecimento, competência, motivação, estratégias e visão de cidadão.

É preciso enxergar que o aprendizado de conhecimento e vida na sala de aula e mútuo, mas cabe a nós educadores sermos o maestro na sinfonia. Somos mediadores de conhecimentos e por isso devemos ter um olhar mais sensível sobre as nossas intenções, valores, desejos, sentimentos e ações que transmitimos diretamente ou indiretamente na relação com os nossos alunos e na relação que se estabelece entre o aluno

e o conhecimento, pois podemos nos tornar motivadores ou desmotivadores de aprendizagem.
Para Giglio (1998, apud FERNANDES, 2007, p.50):

Quando o professor confunde autoridade com autoritarismo, o desenrolar de muitas situações na sala de aula toma rumo difícil de ser revertido, pois as atitudes assumidas pelo grupo, alunos e professor, delineiam uma convivência doente e pouco produtiva.

Precisamos nos preocupar com as atitudes em sala de aula, pois elas deixam marcas boas ou ruins nos alunos. Marcas essas que podem atrapalhar, ou não, o desenvolvimento emocional e cognitivo dos alunos, impedindo-os de se desenvolverem plenamente como produtores de conhecimento e cidadãos.

Para melhor compreendermos a sugestão de uma relação professor aluno dialógica e aberta parafrasearemos aqui uma versão diferente da história de Chapeuzinho Vermelho escrita por Ademilson Aparecido Tenório Fernandes, em seu artigo intitulado "Quem tem medo de matemática? Sentimentos envolvidos no processo ensino-aprendizagem de matemática por alunos de suplência", do livro "Afetividade e Aprendizagem – Contribuições de Henri Wallon (2007, p. 56):

Chapeuzinho foi até perto da cama. Só então percebeu que sua avó estava diferente.
_ Para que servem olhos tão grandes? _ perguntou a menina.
_ Para observar melhor – respondeu o Lobo.
_ Com esses olhos consigo considerar outros aspectos que não observava antes. Devido a essa observação, agora mais abrangente, consigo ver a pessoa como um todo e não apenas suas partes isoladas, e constatar que a dimensão afetiva está imbricada no processo de construção de conhecimento.
_ E pra que orelhas tão grande? _ novamente perguntou a menina.
_ Essas orelhas grandes servem para melhor ouvir os meus alunos, captar o que estar por trás de suas falas.
_ E pra que uma boca tão grande?
_ Essa boca grande serve para dizer palavras que motivem meus alunos, para compartilhar com eles minhas experiências, aconselhá-los e trocar ideias.
_ E essas mãos tão grandes, para que servem? _ insistiu a menina.
_ Essas mãos tem o sentido do tato. E tato quer dizer prudência, cautela. Com mãos tão grandes posso "tatear" meus alunos, acolhê-los melhor, conhecendo seus medos, ansiedades e necessidades, descobrindo seu cotidiano e contribuindo para que o conhecimento possa ajuda-los numa vida mais feliz.

Assim, encerramos esse capítulo com o intuito de provocar nos educadores a reflexão sobre a prática educativa, o currículo (principalmente o oculto), a visão de infância, o planejamento, concepções de educação, sociedade e cultura, pois todos esses fatores refletem na relação que mantemos em sala de aula com o nosso trabalho, conhecimentos e alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do estudo elaborado, podemos observar dentre os escritos feitos e fundamentados em autores que ajudaram e ajudam no processo ensino aprendizagem, com suas variadas formas, a importância de se refletir sobre um relacionamento harmonioso entre aluno e professor, sendo assim um desafio para o educador pós-moderno, comprometido com a educação.

Chegada o momento de concretizar a discussão aqui produzida, também é chegada à hora de difundir algumas propostas que visem efetivamente à melhoria do cotidiano de sala de aula vivido por alunos e professores. É preciso analisar o fato de que o professor, quando se torna empenhado com o aluno e com uma educação de qualidade, fazendo do aluno alvo do processo ensino-aprendizagem, e exercendo seu papel de orientador e facilitador do processo, legitima assim a teoria de uma facilitação da aprendizagem, através da interação entre sujeitos, extrapolando, desse modo, o mero pré-requisito de ensinar.

Entretanto, muitos fatores induzem a questionar se esta prática educativa vem re-

almente acontecendo de maneira suficiente na instituição. Muitas vezes, as relações entre os sujeitos acabam por se contestar, sejam por motivos econômicos, sociais, políticos e/ou ideológicos, demonstrando equívoco no cotidiano e lar, bem como contenções quanto à aquisição do conhecimento no processo ensino-aprendizagem.

Na realidade, a prática docente tem uma parte não só significativa na relação professor/aluno, mas quase que definitiva em todo o processo. A ênfase didática do detentor do saber e a "segurança" que o mesmo tem de que seu poder, seus conhecimentos infindos são suficientes, pode gerar um aprendizado equivocado e inerme, uma vez que este acredita que a culpabilidade é somente do aluno quando os resultados não são condizentes com as suas expectativas. Com toda essa mínima produtividade, o que acontece é a destruição da criatividade, reproduzindo assim o que já existe. Certamente, a simples modificação de paradigmas não garante de forma alguma uma transformação de concepção pedagógica, ou seja, de prática escolar. A superação de valores tidos como indispensáveis hoje, apesar de ultrapassados, já não são suficientes para os avanços necessários na prática docente.

Para o educador, o ensinar deve ser uma arte, uma ciência e um conjunto de técnicas que são empregadas para se alcançar um objetivo. Através de alguns subsídios, toma-se fácil conduzir o processo de aprender a raciocinar, a refletir e usar a própria criatividade. No momento em que o educador se preocupa em educar com arte, toma-se empenhado com o aluno e com uma educação de qualidade, fazendo do aluno um ponto do processo ensino-aprendizagem e cumprindo seu papel de orientador no processo. De fato, a teoria legitima a prática, embora esta, sem o constante aprofundamento teórico, perca rapidamente sua consistência. Atualmente, o questionamento para a melhoria gira em tomo de cursos de capacitação, materiais didáticos, melhores condições de trabalho e remuneração. Felizmente, ainda existem professores que fazem do ensino um ideal e lutam para ajudar a construir um mundo melhor, onde se tenha acesso a uma educação digna e extensiva a todos, sem fome emocional, educacional e física, sem drogas e sem miséria.

As relações que se dão entre alunos e professores constituem o principal fator de motivação. Para muitos professores, ser bem-sucedido é conseguir alcançar seus objetivos em grande maioria. Para outros, é a unificação dos erros e acertos e a coragem de renovar-se para continuar a luta do dia seguinte. Porém, estar sintonizado com a realidade do aluno, ser dinâmico, flexível e companheiro, transformar o "ter que aprender" em "querer saber" é ser um educador bem-sucedido. Um bom planejamento crítico e sujeito a mudanças, um acompanhamento contínuo, uma avaliação diversificada, um diálogo aberto e participativo e uma boa dose de afetividade, contribuem para a formação de um profissional bem-sucedido.

Desse modo, professor e aluno são beneficiados, pois, o planejamento representa as decisões sobre a concretização do dia-a-dia em sala de aula. Como facilitador do conhecimento, o professor destaca-se como um guia para o aluno, permitindo que o mesmo crie o seu próprio raciocínio, troque ideias, seja consciente e crítico. Sabemos que o modo de ser do professor interfere positiva ou negativamente na vida dos alunos, podendo inclusive contribuir na forma do aluno ver o mundo, agir e tomar decisões.

REFERÊNCIAS

CUNHA, M. I. O bom professor e sua prática. Campinas: Papirus, 1994.

_____O bom professor e sua prática. 18 ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.

ELIAS, M. D. C. Pedagogia Freinet – Teoria e prática. São Paulo: Papirus, 2000.

FRANÇA, A.C. C. Princípio da análise do comportamento: texto não publicado. _____. A análise comportamental aplicada à educação: um caso de deturpação acerca do pensamento B. F. Skinner. Psicologia de educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: Educ. 5, 1997. P.115-124.

Semestral.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. S.P, Paz e Terra, 1996).

FURLANI, L. M. T. Autoridade do professor: meta, mito, nada disso? São Paulo: Cortez, 1991.

FURTADO, Clara Maria; PEREIRA, Luiz H.; MOROSINI, Marília Costa. Formação docente na licenciatura e no exercício da docência. IV Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação, PUCRS. 2009. Disponível em. Acesso em: 20 nov. 2009.

GADOTTI, M. Convite à leitura de Paulo Freire. São Paulo: Scipione.

IMBERNÓN, Francisco. Formação docente profissional: forma-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2000. (Coleção questões da nossa época; v. 77).

LIBÂNEO, J. C. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Filosofia da educação. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor).

LURIA, Alexander R., LEONTIEV, Alexis N., VYGOTSKY, Lev S. Psicologia e pedagogia. São Paulo: Moraes, 1991.

MINICUCCI, Agostinho. Relações humanas: psicologia relações interpessoais. 6ªed. São Paulo: Atlas S.A, 2000.